



**Fake News e leitores ativos: uma hipótese a partir
de evidências empíricas¹**
**Fake News and active readers:
an empirical-based hypothesis**

André Carlos Moraes²

Resumo: este artigo apresenta e discute dados de uma pesquisa sobre leitura com estudantes universitários e problematiza os resultados à luz de preocupações recentes do campo da Comunicação como as chamadas fake news ou notícias falsas. Foi observado um forte papel ativo dos leitores amostrados não só em termos de apropriação de conteúdo lido, mas também em escolha, alternância e até manipulação de suportes de acesso, às vezes ignorando-se questões como o copyright. Ao mesmo tempo, alunos relataram ter as redes sociais como fonte informativa. Propõe-se, como reflexão, uma modelização de questões como a das fake news a partir deste perfil observado de leitores ativos, conscientes do próprio poder de manipulação de canais e também acostumados à busca e disseminação de informações pelas redes sociais.

Palavras-chave: leitura; leitores ativos; multiplataforma; fake news

Abstract: this paper presents and discusses data from a reading research with college students and problematizes the results in light of recent concerns in the field of communication such as fake news. A strong active role of the young readers have been observed, not only in terms of appropriation of content, but also in choice, alternation and even manipulation of channels, sometimes bypassing copyright. At the same time, students reported having social networks as an information source. As a reflection, it is proposed a modeling of issues such as fake news considering this observed profile of active readers who are aware of the power of manipulation of channels and also used to disseminating information through social networks.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Jornalista, doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM UFRGS). E-mail: andrecmoraes@uol.com.br



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Keywords: reading; active readers; multiplatform; fake news.

1. Introdução

O presente artigo está organizado em dois movimentos distintos. Na primeira parte, são apresentados pressupostos teóricos e dados sobre uma pesquisa empírica com jovens leitores, realizada para a elaboração da tese do autor, durante a qual foi observada uma dimensão altamente ativa no perfil de consumo de informação por parte do público amostrado. A segunda parte do artigo assume uma proposição ensaística, extrapolando dados da observação para esboçar o que poderia ser uma modelização do comportamento deste segmento de leitores ativos em um contexto de conteúdos propagados em redes sociais e também marcado pela emergência das chamadas fake news, ou notícias falsas. A seção a seguir apresenta o referencial teórico do trabalho. A seguir, são trazidos dados empíricos da pesquisa. A seção subsequente contextualiza a discussão. Ao final, as considerações finais buscam uma síntese conceitual visando a eventuais aplicações futuras em novas pesquisas.

2. Quadro teórico

É próprio dos estudos de Comunicação o esforço de compreender a forma pela qual se formam dinâmicas e tensões entre as tecnologias de disseminação da informação, de um lado, e, de outro, o conjunto significativo advindo das práticas dos usuários, um contexto complexo sujeito ainda a outras forças igualmente potentes, como o aparato regulatório do Estado, as pressões socioeconômicas e até mesmo questões geográficas. As diversas soluções e arranjos para este grupo de tensionamentos conformam diferentes sociedades, e a mobilidade das soluções delinea conflitos e transformações que afetam instituições, profissões e, principalmente, pessoas. Cabe aos estudos de Comuni-



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

cação o mapeamento e compreensão destes fenômenos, dentro de sua natureza de ciência social aplicada.

Um dos enquadramentos possíveis para modelizar construtos de pesquisa dentro deste universo temático é o da mediação. Trata-se de um conceito amplo:

Num primeiro sentido, mediação se opõe à mediação e tem como objetivo identificar os fenômenos mediados através de várias instâncias de mediação social e, sobretudo, pela mídia no sentido estrito do termo. Num segundo sentido, o que é levado em consideração é a ação de mediação dos conteúdos, isto é, o fato dos conteúdos, por exemplo os cursos de ensino superior, que são postos online ou inscritos sobre suportes materiais geralmente resultantes da intervenção de especialistas (designers, produtores multimídia, etc.); e contrariamente a uma representação frequente do pensamento informático, ela nada tem a ver com uma transposição ligada ao emprego das ferramentas e lógicas agora disponíveis. Num terceiro sentido, reforça-se tudo isso que, nas relações interindividuais e mesmo intragrupo ou intraorganizacionais, se produz quando as TIC, ou melhor, um dispositivo, se interpõe entre Eu e Tu, Eu e Nós, Nós e Nós; essa abordagem busca identificar as modificações dos próprios atos comunicacionais no que possuem de linguagem ou não. E, por último, num quarto sentido, o processo de mediação se refere à importância da informação difundida e trocada, quantitativa e qualitativamente; a mediação reporta-se aqui ao fenômeno de informatização discutido acima, porém com o intuito de compreender a recepção e a relação dos meios com os receptores. (MIÈGE, 2016, p.28).

Consonante com o trecho acima, o presente artigo compartilha entre suas preocupações basilares “compreender a recepção e a relação dos meios com os receptores” e “identificar as modificações dos próprios atos comunicacionais no que possuem de linguagem ou não” (MIÈGE, 2016, p.28). O trabalho dialoga também com um corpo de referências subjacente, que inclui os conceitos de convergência (JENKINS, 2008), multiplataforma (GRUSZYNSKI, 2015) e função-autor (FOUCAULT, 1994). A acepção na qual estes conceitos são empregados é rapidamente apresentada a seguir, juntamente com uma referenciação básica.

Por convergência entende-se um processo de concatenamento de meios de comunicação, geralmente integrando um conteúdo unificado ou, às vezes, constituído pelo somatório da informação veiculada em diferentes canais. O termo foi recentemente popularizado por Henry Jenkins (2008), mas tem raízes anteriores nas teorias de Comunicação e descreve um processo que pode também ser tratado sob nomes diferentes por



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

outros autores. Jay Bolter e David Grusin (2000) falam em remediação, Nízia Villaça (2010) fala em mixologias, Matthew Fuller (2007) fala em ecologias de mídia e, anteriormente ainda, Marshall McLuhan detalhava processos de concorrência entre meios em seu *A Galáxia de Gutenberg* (1972). A convergência costuma ser abordada sob diferentes enfoques de pesquisa. São bastante comuns os estudos na esfera de produção, comparando os diferentes canais pelos quais uma informação é veiculada, como, por exemplo, a mescla de sites, vídeos, impresso e áudio pela qual um conteúdo é disponibilizado. Um pouco menos comum é o enfoque da apropriação do conjunto de meios por parte dos leitores ou usuários. A pesquisa trabalhou neste âmbito, aprofundando os resultados na tese de doutorado do autor (MORAES, 2017).

O conceito de multiplataforma com o qual se trabalha aqui é um recorte dentro do processo mais amplo da convergência. Ana Gruszynski fala da “convergência como efetivamente um processo que favorece a publicação multiplataforma caracterizado pela complexidade, devido aos vários elementos e esferas envolvidos” (GRUSZYNSKI, 2015, p.584), envolvendo a “desestabilização da cultura letrada tradicional fundada no impresso”. Gruszynski aborda a questão a partir de uma problematização ligada ao design, mas ela também contempla, além da esfera de produção e publicação, o papel ativo dos leitores: “É importante frisar que os processos de convergência passam por audiências que assumem cada vez mais papel de protagonistas, inclusive na produção de conteúdo, seleção, edição e publicação de modo independente dos veículos tradicionais de comunicação.” (GRUSZYNSKI, 2016, p.184)

O conceito de multiplataforma, neste sentido, delinea um espaço investigatório empírico que, embora contemple uma esfera de produção e veiculação de conteúdo, também pressupõe uma dimensão ativa por parte dos leitores/usuários que constituem as audiências protagonistas citadas por Gruszynski (2016). São elementos observacionais obtidos dentro desta esfera que retroalimentam a presente reflexão. Eles terão detalhamento a seguir.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

3. A pesquisa

Na tese da qual este artigo se origina (MORAES, 2017), foi realizado um levantamento com 667 estudantes universitários de primeiro ano da UFRGS, nos anos de 2011, 2014 e 2016. Entre os objetivos da pesquisa estava observar o trânsito multiplataforma dos alunos em relação à lista de leituras obrigatórias do ano em que prestaram vestibular. Buscava-se, inicialmente, investigar as plataformas de leitura preferenciais, fosse para leitura integral (texto eletrônico, livro impresso, xerox), fosse para estudo ou leitura resumida (resumos da internet, livros de resumos, aprendizado em aula ou grupo de estudos, modalidades audiovisuais de contato). Ao longo da pesquisa, surpreendeu o alto índice de alternância ou superposição de plataformas.

Os estudantes haviam preenchido formulários de resposta com questões fechadas e também campos abertos, e uma parcela menor (31 estudantes) foi entrevistada por telefone para fins de triangulação. No ciclo qualitativo de entrevistas semiestruturadas, foi possível observar em maior profundidade alguns exemplos de superposição de plataformas. Uma aluna relatou que para estudar pegava um livro ou anotação impressa, lia em voz alta com o gravador do celular ligado e, depois, escutava a gravação com sua própria voz para fixar o conteúdo. Outro estudante comentou que buscava os textos de leitura obrigatória na Internet, depois imprimia-os em uma cota de xerox à qual tinha direito em outra instituição de ensino e encadernava com páginas brancas intercaladas para poder fazer anotações. Um aluno referiu que procurava aulas a respeito dos livros do vestibular no YouTube, extraía o áudio e escutava no carro a caminho do trabalho. Estes hábitos multiplataforma incluíam outras instâncias que não a leitura normativa do vestibular ou faculdade. Uma aluna disse que gostava de assistir a adaptações literárias no cinema, mas que sempre procurava ler os livros antes. Quando assistia a um trailer de filme baseado em livro, ou ficava sabendo de uma adaptação vindoura, apressava-se a ler o título antes da estreia. E se a obra não estivesse disponível traduzida no Brasil, pirateava o texto em inglês pela Internet e o lia no original.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A questão da pirataria pode ser relacionada ao tensionamento da chamada função-autor proposta por Michel Foucault (1994), o princípio da atribuição moderna de autoria. Alguns dos alunos observados tendiam a ignorar, em intercâmbios on-line, a autoria de textos ou conteúdos, mesmo quando eles eram autorais – o que pode ser problematizado como um elemento indicador de tensionamento em progressão no contexto multiplataforma de tradução e circulação dos textos entre diferentes mídias.

Um dos resultados da pesquisa também foi a forte presença das redes sociais no contexto informativo dos estudantes. Durante as entrevistas qualitativas feitas por telefone, dez alunos, dentre os 31 ouvidos, referiram ter este meio como uma das formas de acompanhar notícias. Houve casos, inclusive, em que alguns jovens indicaram que esta é a única modalidade de contato como noticiário, aproveitando os feeds em suas linhas do tempo ou a repercussão de contatos. Nestes casos, o aluno não acompanhava notícias em meio impresso nem na televisão ou rádio.

Estes são apenas alguns casos pincelados do levantamento qualitativo. Eles são corroborados por dados tabulados e constituem apenas um recorte dentre outros possíveis a partir da observação, refletindo a complexidade que é inerente aos trabalhos de fundo empírico (esta exposição não é aprofundada aqui, mas está disponível na tese referida). O ponto de partida desta discussão é, justamente, esta dinâmica multiplataforma.

Algumas das práticas de estudantes apresentadas mais acima desafiam classificações e mesmo convenções. A aluna que escutou a reprodução de um livro lido em voz alta por ela mesma deve ser classificada como leitora ou ouvinte? E ela seria a receptora ou a produtora do conteúdo? Algumas das trajetórias passam por cima de barreiras de distribuição ou direitos autorais, em nome da conveniência do momento. Certos casos, inclusive, envolvem toda uma manipulação de canais de conteúdo que é anterior ao próprio estabelecimento de uma comunicação no modelo clássico emissor-canal-receptor. O estudante que buscou textos da Internet para imprimir gratuitamente a fim de ler em meio físico fazendo anotações esculpiu seu próprio canal de informação muito antes de começar a apropriação do conteúdo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

É esta conjuntura pessoal informativa dos estudantes que motiva a breve reflexão a seguir, que por sua vez pode ajudar a fundamentar investigações futuras.

4. Compreendendo os leitores ativos

Extrapolando alguns dos dados apresentados na seção anterior, imagine-se como esta dinâmica de relacionamento multiplataforma com o conteúdo se reflete em outras áreas. Alguns dos jovens, como visto, referem trajetórias altamente personalizadas para obtenção de conteúdo, às vezes ultrapassando barreiras e mesclando suportes. Paralelamente, outros resultados da observação apontam que muitos destes jovens tinham nas redes sociais sua fonte principal de contato com o noticiário cotidiano. É possível apenas imaginar o tipo de interação informacional que se origina da postura ativa do leitor/usuário/produtor quando se trata de hard news, noticiário político ou econômico. A dimensão ativa da busca e manipulação de canais, muitas vezes concomitante com a própria criação de conteúdo personalizado, parece ser uma constante para parte do público jovem amostrado. É razoável adotar como uma hipótese que esta dimensão ativa da busca de conteúdo possa, em alguns casos, se estender para a própria disseminação de informações. Nesta perspectiva, poderiam ser analisados de forma muito mais complexa fenômenos como a pirataria ou as fake news.

A relevância e atualidade da discussão fica evidenciada pela produção teórica recente que procura enquadrar fenômenos que estão associados. É a esfera de acontecimentos que tenta ser pensada pelo conceito de midiatização, com sua preocupação com “as modificações dos próprios atos comunicacionais” e a “importância da informação difundida e trocada, quantitativa e qualitativamente” (MIÈGE, 2016, p.28). Da mesma forma, a convergência descrita por Jenkins (2008) e a discussão sobre multiplataforma e as “plateias protagonistas” (GRUSZYNSKI, 2016, p.184) tratam de enquadrar em modelizações teóricas da Comunicação realidades que são compostas por uma dimensão ativa e transformadora na qual convivem, sobretudo, os leitores ou usuários, aqui já vi-



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

vendo um papel de sobreposição em relação à esfera produtiva de conteúdo, no lugar de assumirem uma posição passiva dentro de um modelo simplificado emissor-mensagem-receptor.

Esta é a dimensão na qual é preciso seguir teoricamente as consequências de uma modelização que leve em conta dados empíricos como aqueles encontrados no estudo citado mais acima. É um padrão comportamental consolidado dentro da observação da pesquisa aquele dos estudantes que criam seu próprio canal de acesso ao conteúdo, seja utilizando a plataforma que for, ou mesmo uma conjunção delas. É um componente importante, aqui, o imediatismo – a necessidade ou a urgência se sobrepõem a outras questões. Desta forma, um jovem pode piratear na Internet o texto de um livro ao qual não teve acesso, seja por não ter sido lançado no Brasil, seja por não ter dinheiro ou tempo para obtê-lo em biblioteca ou livraria. Estudantes podem combinar entre si estratégias alternativas para chegar ao conteúdo desejado, como relataram alunos de Medicina, que tinham um sistema de integração entre veteranos e calouros ao longo do qual eram compartilhadas anotações de aula e até provas de outros semestres. E alguns jovens, também, são simultaneamente produtores de conteúdo, seja na forma de *marginália*, ou seja, anotações nas laterais de polígrafos, xerox ou livros compartilhados, seja na produção multiplataforma propriamente dita, como aqueles que relataram gravar aulas ou sua própria voz para uso posterior como material de estudo. Em todos estes casos, há uma necessidade de acesso a conteúdo que foi preenchida por estratégias e até mesmo canais criados pelos próprios usuários. Este *modus operandi* vai muito além da apropriação de conteúdo. Não se trata apenas de uma questão de recepção. Há uma dimensão muito mais ativa envolvida.

O outro ingrediente importante é social, na forma das redes de compartilhamento e do próprio acesso à informação do noticiário, que pode acontecer via Facebook ou outros links de redes sociais. Há casos em que esta integração na blogosfera, por exemplo, açambarca totalmente a própria dimensão informativa na qual o estudante se encontra mergulhado. Ele consome, simultaneamente produz e pesquisa conteúdo dentro da mesma esfera das redes sociais em fluxo contínuo. Uma das consequências que é preci-



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

so revisar teoricamente é a da função autor. Foucault (1994) falava da atribuição de autoria que é uma das características essenciais da cultura baseada no impresso. Livros em geral têm autor. Foucault ia mais além e especificava que a função autor é o princípio de estabelecimento da própria figura do autor. Nem toda a produção escrita de um indivíduo faz parte, por assim dizer, de sua obra. Um escritor é o autor de seus livros, porém, compreensivelmente, pode não reivindicar a autoria de uma lista de compras do supermercado escrita de seu próprio punho. O pensador francês chamava de função autor esse princípio definidor da autoria. Algumas das práticas identificadas entre os estudantes, porém, parecem borrar esta definição, ou torná-la mais difícil. Anotações de aula como aquelas compartilhadas pelos alunos de Medicina ouvidos na pesquisa são geralmente anônimas. Mesmo fontes autorais compartilhadas na forma de polígrafo ou xerox às vezes são distribuídas ou repassadas sem identificação de procedência ou autoria. O mesmo acontece com a procedência de notícias que são compartilhadas nas redes sociais. O conteúdo, neste caso, passa por uma espécie de reificação, e se torna mais importante do que a procedência. A função autor se torna mais sutil ou mesmo ausente.

É neste ponto em que é possível extrapolar os dados e mesmo a produção teórica e propor uma hipótese investigativa. Certos jovens, como observado, pertencem a uma cultura de compartilhamento, de estratégias imediatistas de obtenção de conteúdo e, simultaneamente, de produção de informações, muitas vezes com pouca consideração ou preocupação em termos de direitos autorais ou procedência. É cabível perguntar se esta dimensão pronunciadamente ativa de busca e repasse de informação não pode extrapolar o conteúdo ou a plataforma e funcionar como um motor para a criação de conteúdo que apenas atenda aos interesses do usuário, até mesmo, em casos extremos, de forma desvinculada de embasamento factual.

Dentro desta hipótese, é possível pensar as chamadas fake news ou notícias falsas sob outra perspectiva. Elas costumam ser analisadas do ponto de vista da circulação e do efeito sobre usuários, por assim dizer, crédulos. É o que acontece quando se discutem os efeitos de notícias falsas em eleições, ou na formação da opinião pública. Entretanto, cabe perguntar, com base no observado em relação a suportes e produ-



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ção/apropriação de conteúdo, se as fake news não podem ser também vistas como uma expressão do mesmo exercício ativo dos leitores/usuários. Pode-se imaginar que alguns leitores, frente a uma opinião pessoal, procurem obter e repassem apenas o conteúdo de interesse imediato para eles. Seria um comportamento compatível com o dos jovens que obtêm um livro pela via mais rápida, seja através de pirataria, seja por empréstimo, compartilhamento ou resumo, e que costumam produzir sua própria solução de acesso sempre que isso se mostrar necessário. Não necessariamente isso significaria que usuários deste grupo possam vir a inventar notícias falsas, mas em um contexto informacional no qual as redes sociais constituem a base do acesso ao noticiário para alguns, e em que a função autor e a procedência ficam em segundo plano, não é difícil imaginar que seja possível que a informação eventualmente seja selecionada pelo conteúdo, fundamentado ou não, desde que de acordo com a conveniência ou convicção do usuário, e depois compartilhada nestes termos.

É importante salientar que a hipótese formulada no parágrafo anterior é uma cogitação, uma reflexão sobre a necessidade de investigar mais profundamente uma possibilidade. Ela não é resultado de uma observação direta, mas é uma dedução possível a partir de inferências obtidas de forma observacional.

5. Considerações Finais

Torna-se necessário esclarecer rapidamente o papel do presente artigo dentro da trajetória da pesquisa detalhada mais acima e também o propósito da proposição ensaística apresentada na seção imediatamente anterior. Não se pretende fazer especulações ou tentar embasar teorias em dados que ainda não permitem comprovação. Porém, o presente trabalho constitui-se em um exercício de extrapolação dos dados em direção a uma nova hipótese investigativa.

O trabalho da tese que origina este trabalho (que por sua vez nasceu de uma comunicação de congresso) era pesadamente constituído por dados. Os levantamentos quantitativo e qualitativo com 667 estudantes, 31 deles entrevistados por telefone, origi-



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

naram uma série de inferências sobre comportamento de leitura, estudo e acesso multi-plataforma dos jovens que integraram a amostra. Estes resultados integraram o relatório final da tese entregue às bancas examinadoras. Um dos desafios apresentados ao autor durante esta interlocução foi o de, passada a etapa do doutoramento, extrapolar os dados em direção a proposições teóricas e hipóteses que pudessem vir a originar conhecimento futuro.

Este foi o exercício empreendido aqui. Buscou-se propor perguntas, investigar se elementos da observação podem ajudar a elucidar comportamentos pouco compreendidos no contexto atual da Comunicação. Com o perdão do caráter ensaístico e mesmo especulativo da seção anterior, pretendia-se, aqui, lançar temas para debate e que possam também orientar futuras investigações ou pesquisas, seja pelo próprio autor, seja por leitores ou pares que se mostrem interessados nos resultados apresentados e nas avenidas abertas por eles.

Referências bibliográficas

- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? (conferência). In: **Dits et écrits**, I (1954-1969). Paris, Gallimard, 1994, p. 789-821.
- FULLER, Matthew. **Media ecologies**: materialist energies in art and technoculture. Cambridge: The MIT Press, 2007.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design editorial e publicação multiplataforma. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p.571-588, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58547>>. Acesso em 15 jan. 2016.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Dispositivos de leitura no cenário de convergência das mídias. In: RÖSING, Tania; ZILBERMAN, Regina. **Leitura**: história e ensino. Porto Alegre: Edelbra, 2016. p.169-187
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- McLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

MIÈGE, Bernard. A Convergência das TIC: um percurso já com cerca de 25 anos. In: MIÈGE, Bernard (org). **Operações de mediatização**: das más caras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

MORAES, André Carlos. **Leitores multiplataforma**: o livro em um contexto de múltiplos suportes, a partir da prática de estudantes universitários. 2017. Tese (Doutorado) – UFRGS – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.

VILLAÇA, Nízia. **Mixologias**: comunicação e o consumo da cultura. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.